



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 16 DE DEZEMBRO DE 1999

Senhor Ministro da Defesa, Êlcio Álvares; Senhor Ministro de Estado Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, General Alberto Cardoso; Senhores Comandantes da Marinha, Almirante Sérgio Chagastelles; do Exército, General Glauber Vieira; da Aeronáutica, Brigadeiro Walter Brauer; Senhores Oficiais-Generais; Senhoras e Senhores,

É sempre com muito prazer que presido a cerimônia de apresentação ao Presidente da República dos Oficiais-Generais recém-promovidos.

Esta cerimônia, não obstante a singeleza do seu ritual, está repleta de significado. Simbolicamente, reitera-se o respeito pela hierarquia e o senso de disciplina das Forças Armadas perante o seu Comandante. Com igual força simbólica, fica demonstrado o respeito do estamento militar às normas constitucionais que regem a vida política da Nação. Também nesta ocasião, fica visível a importância do revigoreamento contínuo dos quadros do comando superior das Forças. No que concerne à vida profissional dos recém-promovidos Oficiais-Generais, este encontro marca, como dizem os antropólogos, um rito de passagem e corresponde ao culminar de toda uma vida profissional dedicada à

carreira militar. Como filho de um oficial-general, neto, e até mesmo bisneto, sei bem os sacrifícios pessoais e de família impostos aos que, por vocação, escolheram a profissão das armas.

Esta superposição de significados políticos, profissionais e pessoais representa, em essência, a continuidade e a solidez institucionais das Forças Armadas brasileiras. Em um mundo em que a turbulência do dia a dia faz curtos períodos parecerem longo prazo, o Brasil tem o privilégio de contar com corporações de Estado cuja história de serviço público é medida pela régua das décadas ou mesmo dos séculos.

Como resultado do longo passado das instituições, o Brasil enfrenta o futuro com serenidade. Por mais extraordinárias e surpreendentes que sejam as mudanças que nos reserva o futuro, o longo passado – tenha ele sido bom ou mau – sempre será um contrapeso de confiança diante do porvir. Em abril próximo, celebraremos meio milênio de História, um lastro para o sereno otimismo com que o futuro deve continuar a ser aguardado.

Senhores almirantes, generais e brigadeiros, como adiantei, até mesmo por experiência de família, acredito poder imaginar o que pensam neste momento em que alcançam, depois de décadas de dedicação, o generalato ou nele são promovidos. Este é o momento em que se cotejam os sonhos do antigo guarda-marinha ou cadete com o realismo das atuais expectativas. Neste confronto das antigas aspirações com a realidade, estou consciente de que existirão necessariamente alguns elementos de preocupação.

As Forças Armadas, nos últimos anos, com admirável disciplina e patriotismo, suportaram uma parcela dos sacrifícios orçamentários necessários para debelar a inflação e, posteriormente, para conter um ataque financeiro especulativo contra o País. Tenho consciência de que, em todos os setores do Governo, um dos custos mais altos deste esforço foi o de oportunidades adiadas. Para garantir um mínimo de equilíbrio de contas, foram postergados investimentos não considerados de prioridade absoluta. Na crise, tiveram de ser sacrificados numerosos projetos, alguns dos quais na área militar. Imagino, pois, em decorrência, uma ponta de preocupação com a expectativa de conti-

nuadas restrições orçamentárias e de desafios a serem enfrentados com meios insuficientes.

Perguntarão os Senhores se, finalmente, conseguimos ultrapassar essa etapa. Respondo que ainda não, mas complemento com a observação de que estão óbvios os sinais de uma mudança de ciclo. A inflação, a despeito de todas as previsões pessimistas, está sob controle; as previsões de crescimento a cada dia são melhores; os investimentos externos sinalizam confiança na economia brasileira; o comércio exterior apresenta resultados estimulantes, etc. Alguns começam a descobrir os riscos de profecias permanentemente pessimistas.

Não quero nem exagerar nem deixar de mostrar o ânimo com que o País enfrenta esse novo século. Na verdade, passamos por uma crise de grandes proporções e, talvez, possamos dizer com orgulho que estancamos no Brasil o famoso contágio que ameaçava desorganizar a economia mundial. Pagamos um preço alto: pessoal, político. Preço – como disse – de cortes orçamentários, de sacrifício para o povo. Mas, possivelmente, olhando em retrospecto o ano que passou, chegamos ao fim com mais ânimo do que seria possível imaginar no começo deste ano.

Certamente escapou dos Senhores e das Senhoras a observação e mesmo o efeito direto sobre a vida de cada um do que ocorreu entre o final do ano passado, notoriamente de setembro do ano passado até março deste ano, que foi o momento mais difícil para que o Brasil continuasse a ter um rumo definido. Mas continuamos. E, certamente, entramos no novo século com a expectativa ainda mais forte de que poderemos retomar uma caminhada para que este país continue a ser aquilo que todos os seus filhos esperam dele: uma pátria progressista, autônoma, com capacidade de decisão e que tenha a possibilidade de oferecer aos seus filhos as condições dignas de sobrevivência, de subsistência e, mais do que isso, de progresso. Ainda deparamos com um quadro de dificuldades, sobretudo herdado de séculos, com grande concentração de renda, com dificuldades para lidar com os problemas mais elementares dos setores da população que mais sofrem.

Os que se debruçarem sobre números verão que, a despeito de todas as dificuldades nos terrenos mais sensíveis da educação, da saúde, do

acesso à terra, da assistência social àqueles que dela necessitam, conseguimos ou manter os programas ou avançá-los, de tal maneira que não se perdeu o que é essencial, que é a capacidade humana de continuar a acreditar no país.

Está chegando a hora de voltarmos a pensar nas possibilidades que resultam de tempos de normalidade. É o estender da estabilidade econômica à estabilidade da sociedade. Especificamente na área militar, convém examinar exemplos em que tenha sido construída com êxito uma parceria civil/militar de segurança e desenvolvimento. Cumpre identificar novos modelos em que o estamento militar possa ser crescentemente eficaz na segurança e, subsidiariamente, indutor de desenvolvimento.

A este respeito, cumpre sublinhar que as promessas do final da Guerra Fria, há dez anos, de um mundo mais seguro e estável estão longe de serem cumpridas. Atravessa-se etapa de verdadeira reinvenção da ordem internacional, e o Brasil é, pelas dimensões, um ator importante nesse exercício. Cumpre, aliás, recordar que o projeto brasileiro para uma nova ordem é absolutamente explícito e está contido, em sua essência, nos artigos 3º e 4º da Constituição Federal, que nos indicam os objetivos fundamentais e a regência nas nossas relações internacionais. Neste momento de turbulências em que participamos da construção de um novo regime de convivência internacional, a segurança permanece um vetor de importância vital.

Minhas Senhoras e meus Senhores, este não é o momento mais apropriado para pormenorizar o que vejo ser a aurora de uma nova etapa na vida nacional, mas enfatizo que as atuais missões constitucionais das Forças Armadas se aplicam ao modelo que nossa política de defesa nacional propõe. Recordo apenas a velha máxima de que “vento e maré não ajudam a quem não sabe para onde quer ir” e que, portanto, os tempos são já de reconsiderar muitos de nossos projetos nacionais.

Por último, cabe-me a sempre agradável tarefa de externar os meus votos de pleno êxito em suas novas missões e estender os cumprimentos às suas famílias, que, sem dúvida, muito contribuíram ao longo do caminho.

Agrego ainda os mais sinceros votos de Boas Festas e de um novo ano cheio de esperanças.

Muito obrigado.